

Cinqüentenário
da morte de
Monteiro Lobato

FOL CLO RE

DF
LETRAS
A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V Nº 57/58
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

CONTRATO Nº 281-0/97
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
OP. AC/CÂMARA LEGISLATIVA



Tradição
e sabedoria
popular



91 FEB 1999

91 FEB 1999

VA
|
|
|

PELOS SERTÕES

de Goiás

Bernardo Élis é a figura mais importante do Modernismo goiano. Em sua obra, o social e o político não trazem prejuízo ao artístico. Suas histórias, em geral, revelam não só o observador de costumes mas o crítico social.

□ JOSÉ HELDER DE SOUZA

Bernardo Élis Fleury de Campos Curado - este o nome de batismo, recebido na pia batismal da cidade de Corumbá de Goiás, do escritor Bernardo Élis, nascido em 15 de novembro de 1915 naquela cidade, e falecido, aos 82 anos, em Goiânia.

Para nós aqui da Associação Nacional de Escritores, o que importa mais imediatamente - e muito - é que o romancista e contista Bernardo Élis foi um dos mais antigos filiados desta entidade e, por fim, fato ainda mais relevante, exerceu a presidência da nossa

sociedade, eleito que foi dia 10 de abril de 1981, exercendo o cargo até 1983. Encabeçou, assim, a décima diretoria da Associação Nacional de Escritores.

Bernardo Élis inscreveu seu nome na literatura brasileira em 1944, com o livro de contos *Ermos e gerais*, uma edição feita em São Paulo, pela Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, da Prefeitura de Goiânia. Com este seu primeiro livro de contos, Bernardo Élis ligava-se à corrente ou grupo de regionalistas do Centro-Oeste, iniciado em Goiás pelo próprio Hugo de Carvalho Ramos com a publicação em 1917 do volume de contos *Tropas e boiadas*. Entronca-se o chamado regionalismo do Centro do Brasil, na obra de outro Bernardo, isto é, Bernardo Joaquim da Silva Guimarães (Ouro Preto, Minas Gerais, 1825-1884) a quem Afrânio Coutinho classifica como "o precursor dos regionalistas do grupo central", autor dos romances *A escrava Isaura*, *O ermitão de Muquém*, *O bandido do Rio das Mortes* e outras obras de feição romântica mas com profundas recendências do povo e das terras interiores de Minas Gerais e do velho e selvático Goiás: exemplo mais frisante, *O ermitão de Muquém*.

Esta corrente de ficção regionalista do Brasil Central seria continuada por Afonso Arinos de Melo Franco com a coletânea de contos *Pelo sertão*, publicado em 1898.



Afonso Arinos, com este livro, influenciou toda uma grei de escritores regionalistas que viria confluír em Bernardo Élis, seguido de João Guimarães Rosa. *Ermos e gerais*, de Bernardo Élis, apareceu doze anos antes de *Sagarana*, lançado em 1956. A coleção de contos de Guimarães Rosa iniciou sua obra e deu nova feição ao regionalismo de Minas Gerais.

Bernardo Élis "é a figura mais importante do Modernismo goiano" - é como está registrado no artigo sobre a literatura de Goiás nas páginas 658/669 da Enciclopédia de Literatura Brasileira, volume 1, da Oficina Literária Afrânio Coutinho, dirigida por Afrânio Coutinho e J. Galante de Souza. Diz mais a referida enciclopédia que Bernardo Élis com *Ermos e gerais* "veio a tornar-se o maior contista do Brasil Central"... e recebeu os mais sinceros louvores da crítica nacional, passando a figurar entre as mais típicas obras regionais...

Aspecto mais destacado ainda da obra de Bernardo Élis - o social e o político, sem prejuízo do artístico - encontramos no compêndio *A Literatura no Brasil* (pág. 201 e seguintes do volume II), também de responsabilidade de Afrânio Coutinho, no qual lemos: "Suas histórias, em geral, revelam não só o observador de costumes mas o crítico social". É notório: a maior parte da obra de ficção de Bernardo Élis é de denúncia das condições miseráveis em que vivia - ou ainda vive? - seu povo, "as populações sertanejas de Goiás, exploradas pelos grandes proprietários de terras" - conclui-se ainda com Afrânio Coutinho. São da história da própria vida de Bernardo Élis as perseguições políticas e de outra ordem, por ele sofridas quando teve a coragem de transpor para seus contos e romances as injustiças sociais do então selvático Goiás desde os tempos de Bernardo Guimarães e de antes de Goiânia e - principalmente - anteriores a Brasília. O conto *A enxada* é a mais expressiva, contundente e dramática de tais denúncias.

Assim, Bernardo Élis, escrevendo cada vez melhor e construindo uma obra rara na literatura brasileira, continuou

denunciando a situação das populações "vitimadas - como diz Coutinho - pela ignorância e o pauperismo, mergulhadas na superstição". Nesta linha publicou, em 1956, seu primeiro romance *O tronco*. A ação de *O tronco* baseia-se em fatos históricos passados em São José do Duro (hoje Dianópolis), no perdido extremo norte de Goiás. Naqueles ermos, para usarmos um termo ao gosto de Bernardo Élis, os coronéis donos de terras exploravam e tiranizavam o povo usando, ainda, nos primeiros vinte anos deste século, um instrumento de tortura do século XIX, do tempo da escravidão: o tronco. Grande foi a repercussão de *O tronco*, tão grande na boa acolhida da crítica nacional quanto na da sociedade goiana conservadora a acoirar a obra não como bela obra do realismo, mas como peça literária comunista. Se tal não era, Bernardo Élis a construiu seguindo uma linha de esquerda e mais especialmente a do realismo mais profundo que caracterizou o romance nordestino de 1930, corrente pela qual Bernardo Élis sempre confessou-se influenciado.

Para não enfadar, vamos procurando encerrar esta arenga que já vai longa, relacionando as demais obras de ficção de Bernardo Élis sem deixar de citar, para terminar de vez, trecho do crítico Tristão de Athayde: "A obra de Bernardo Élis é de verdade social impressionante e uma criação lingüística de uma beleza e de uma originalidade absolutamente singulares... É uma fusão rara entre o falar culto e o falar popular..." Além de *O tronco*, Bernardo Élis nos deu ainda mais dois romances: *A terra e as carabinas* e *Chegou o governador*, os três publicados pela



José Olympio. *O tronco* foi agraciado com o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, em 1968. Como contista, além do já referido *Ermos e gerais*, nos deu *Caminhos e descaminhos* que mereceu o Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras. É de 1965 *Veranico de janeiro*, o volume em cujas páginas está o conto "A enxada" aqui destacado, editado pela José Olympio em 1966, agraciado com seu primeiro Prêmio Jabuti e o Prêmio José Lins do Rego; Herman Lima, também um mestre do conto, faz a apresentação de *Veranico de janeiro*. Depois vieram *Caminhos dos gerais*, publicado pela Civilização Brasileira em 1975, *André Louco* (José Olympio, 1978), *Apenas um violão* (Nova Fronteira, 1984) e *Dez contos escolhidos*, publicado em 1985 em Brasília pela Horizonte. A obra de Bernardo Élis Fleury de Campos Curado estende-se por mais um único livro de poesia - *Primeira chuva*, de 1955, e um outro de crônicas *Jeca Jica-Jica Jeca* (1986) e vários outros de história, ensaio literário e estudos sociais, tendo sempre Goiás como fulcro temático.